

Maílson continua a negar medida

Rio — Apesar dos vários indícios de preparação de terreno para uma moratória da dívida externa — como o atraso no pagamento de juros ao Clube de Paris e a centralização do câmbio — o ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, afirmou ontem no Rio, que esta é uma medida descartável. “Não estamos fazendo suspensão indefinida de pagamentos, seja com os bancos privados, os organismos multilaterais ou as agências do Clube de Paris, mas apenas pequenos atrasos”, disse ele. “Moratória”, segundo o ministro, é “uma palavra fosforescente” por chamar muita atenção, mas que não faz parte do seu dicionário. Todavia, afirmou, outros atrasos podem ocorrer, “se isso for necessário para situar as reservas em nível de segurança”.

Maílson da Nóbrega reiterou que o pagamento dos US\$ 812 milhões ao Clube de Paris — as duas parcelas venceram na sexta e segunda-feira passadas — será feito “nos próximos dias”. Ele disse que o objetivo do governo é preser-

var o nível adequado das reservas para impedir uma crise cambial. Conforme seus cálculos, as reservas brasileiras são, atualmente, superiores a US\$ 5,6 bilhões — acima do volume de dezembro, de US\$ 5,3 bilhões —, estando, portanto, em “situação satisfatória”. A reação dos credores ao atraso, disse ele, é de “tranquilidade”, sem que tenham sido notadas pressões nas linhas de curto prazo.

Foi justamente para evitar a crise cambial, explicou Maílson da Nóbrega, que o Governo determinou a mididesvalorização do câmbio em 12% e a centralização do câmbio, exceto para o comércio exterior. O ministro chegou a repetir três vezes que “não haverá mais mididesvalorizações” e que a política de minis será mantida. “Do contrário, não faria sentido termos lançado o BTN (Bônus do Tesouro Nacional) cambial”, afirmou. Maílson disse ter conversado como diretor da Carteira de Comércio Exterior (Cacex) do Banco do Brasil, Namir Salek, e que este lhe trans-

mitiu estimativas de bons superávits em junho e julho na balança comercial. “Tudo isso afasta a crise cambial”, afirmou o ministro.

O ministro disse ainda que, apesar da inflação de 24,83% em junho, o Brasil “tem todas as condições de evitar a hiperinflação”. O balanço feito por ele em entrevista coletiva foi totalmente otimista: o déficit primário está menor do que o de 1987, não há uma “corrida louca” de preços e salários, o Tesouro Nacional fechou o primeiro semestre com “resultado excelente” e o governo não está gastando mais do que arrecada, emitindo títulos apenas para rolagem da dívida. E mais: a arrecadação tributária de junho foi superior à previsão da Receita Federal e do Tesouro em mais de NCz\$ 400 milhões e a expansão da base monetária ficou em apenas 15% contra 33% de maio. “Esses dados não sugerem perda de controle da inflação, embora sempre estejamos sujeitos a acidentes de percurso”, disse o ministro.